



RICARDO AZEVEDO

**Você diz que sabe muito,
borboleta sabe mais!**

ILUSTRAÇÕES: MARIANA MASSARANI

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

● Leitor fluente

Moderna
Contigo criamos leitores

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero



**Você diz que sabe muito,
borboleta sabe mais!**

RICARDO AZEVEDO



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ricardo Azevedo nasceu em São Paulo, em 1949. É formado em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Faap e doutor em Letras, na área de Teoria Literária, pela Universidade de São Paulo. Casado, pai de três filhos, gosta de ler, ouvir música e conversar com os amigos.

Começou a produzir livros infantis em 1980, com *O peixe que podia cantar*, e até o ano de 2005 já publicou mais de cem títulos. Destaca-se em seu trabalho a pesquisa em literatura popular, que resultou em publicações como *Meu livro do folclore*, além de sua saborosa produção poética para crianças, como *Dezenove poemas desengonçados*.

A respeito da literatura diz: *Acho que a literatura deve tratar sempre daqueles assuntos meio vagos, sobre os quais ninguém pode ensinar, só compartilhar: as emoções, os medos, as paixões, as alegrias, as injustiças, o cômico, os sonhos, a passagem inexorável do tempo, a dupla existência da verdade, as utopias, o sublime, o paradoxal, as ambigüidades, a busca do autoconhecimento, coisas banais que fazem parte do dia-a-dia de todas as pessoas. Para mim,*

a literatura, inclusive a infantil, é, sem dúvida, uma forma de tentar compreender a vida e o mundo.



RESENHA

Ricardo Azevedo se permite, nesse trabalho, misturar diferentes gêneros para construir um livro saboroso, feito sob medida para os pequenos leitores. Embora a maior parte dos textos seja de origem popular, o autor usa sua própria linguagem para recontá-los e se permite, em muitos momentos, alterar o original e acrescentar algo seu, sem perder, no entanto, o espírito livre, leve e irreverente que caracteriza a cultura popular brasileira.

Assim, num mesmo livro encontramos pequenas e saborosas trovas, algumas líricas, porém a maioria bem-humorada; divertidas histórias de malandragem e safadeza; brincadeiras com a sonoridade das palavras; versões diferentes de cantigas de roda conhecidas, como “Atirei o pau no gato”, e até mesmo receitas de doces saborosos, característicos da culinária do país. De brinde, ainda temos um poema que proseia com a “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade.

O livro é um convite para as crianças entrarem no reino da leitura por meio do jogo, do humor, da brincadeira.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Houve um tempo em que a iniciação no domínio poético e lúdico da linguagem não se dava nas escolas, mas na própria vida cotidiana das crianças: nas ruas, nos quintais, nos terreiros. Recursos como a rima, a comparação e a metáfora não eram privilégio das elites cultas e da arte erudita, sempre muito afastada das camadas populares. Os jogos de palavras, as histórias e as canções tradicionais ocupavam um lugar privilegiado na comunidade.

Nos tempos atuais, marcados pela globalização e pela expansão desenfreada da cultura de massas, as crianças muitas vezes vivem confinadas em apartamentos, e a televisão e o computador ocupam o lugar das brincadeiras. Se nas zonas rurais as tradições ainda se mantêm, de alguma forma, o mesmo não se pode dizer dos centros urbanos. É nesse momento que a escola passa a assumir um papel significativo na preservação desse patrimônio, e iniciativas como a de Ricardo Azevedo ganham importância. Assim, tornar esse tesouro acessível às crianças é um ato de resistência.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa

Temas transversais: Pluralidade cultural

Público-alvo: leitor fluente



Antes da leitura:

1. O título do livro é bastante curioso: bem diferente dos títulos aos quais seus alunos estão familiarizados. Trata-se da parte inicial de uma facécia, um dito que oscila entre a graça e a zombaria. Dirigido ao leitor, é uma espécie de provocação. Estimule os alunos a traçarem hipóteses sobre o conteúdo do livro a partir desse título e das imagens da capa. Será um livro triste ou engraçado?

2. Explore o sumário do livro com a turma. Pelo menos dois dos títulos presentes no sumário devem soar familiares às crianças: “A rosa brigou com o cravo” e “Atirei o pau no gato”, duas das cantigas infantis mais conhecidas. Estimule-as a lembrar a letra e tentar cantá-las.

3. Como o livro possui seções independentes, ele dá bastante liberdade para que o professor trabalhe com o material da maneira que desejar, sem obedecer, necessariamente, à ordem em que as seções se apresentam na edição. Pode ser interessante criar uma rotina diária de leitura em classe, escolhendo, por exemplo, trovas e adivinhas para ler no início do trabalho e fechar o dia com a leitura de um conto.

Durante a leitura:

1. Como muitos dos textos levam em conta a sonoridade das palavras, enquanto outros, como as adivinhas, implicam uma participação do leitor / ouvinte na decifração da charada, sugerimos que a leitura do livro seja feita em voz alta. Ler em voz alta é mais do que simplesmente enunciar aquilo que está escrito; é utilizar nossa voz e nossa presença para criar imagens a partir das palavras impressas no papel. Para tanto, é fundamental que o professor prepare antes sua leitura, assim como um ator prepara o texto que vai ser dito em cena, de modo a familiarizar-se com o texto que vai ler para os alunos. O ritmo da leitura, a percepção da sonoridade e a visualização clara das imagens são fundamentais, uma vez que muitos dos textos trabalham com efeitos de humor. O professor não deve nem, por um lado, realizar uma leitura monótona e distante, que pode desinteressar o leitor, nem por outro lado impor demais uma única visão do texto, impedindo que a imaginação do leitor também realize seu trabalho. Uma boa leitura é dinâmica e ao mesmo tempo simples.

2. No caso dos textos mais curtos, como as trovas e os ditados populares, o professor pode optar por transferir a função de ler em voz alta para as crianças. É importante, porém, deixar que elas também possam ensaiar a leitura para fazer bonito.

3. No momento das canções, seria interessante cantá-las com a turma — os novos versos se ajustam perfeitamente à melodia.

Deixe que eles tentem descobrir como cantar as novas estrofes — é um ótimo exercício de ritmo para as crianças. Se o professor tocar algum instrumento, poderá incrementar as canções com um acompanhamento musical.

4. Enquanto lê, estimule os alunos a prestarem atenção nas divertidas ilustrações de Mariana Massarani, procurando descobrir sua relação com os textos. No caso das brincadeiras com palavras, em especial, os desenhos podem ajudar, e muito, na sua compreensão.

Depois da leitura:

1. Após a leitura dos contos, convide alguns alunos para contar algumas das narrativas lidas à sua maneira. Verifique quais passagens valorizam ao recontarem as histórias.

2. As **quadras** ou **trovas** são pequenos poemas compostos de quatro versos, que, em geral, têm sete sílabas poéticas e apresentam rimas entre o segundo e o quarto versos. Exploram, entre outros motivos, o amor, a infância, a natureza, o humor. Releia algumas das trovas com os alunos e estimule-os a criarem trovas de sua autoria sobre o tema que desejarem.

3. “O macaco e a goiabeira” é um conto acumulativo. Também chamados de lengalenga, os contos acumulativos caracterizam-se pelo encadeamento sucessivo de uma mesma seqüência de falas ou de ações. A cada repetição, agrega-se mais um elemento, resultando, ao final, uma longa enumeração. Releia a história com os alunos, estimulando-os a reconhecer os elementos que se repetem. A seguir, divida-os em duplas ou trios e desafie-os a escrever um conto acumulativo de sua autoria. Para que o resultado fique bom, é interessante ler outros contos do mesmo gênero para repertoriar as crianças. O livro *Era uma vez... três!*, de Rosane Pamplona, publicado pela Editora Moderna, apresenta muitas histórias desse tipo.

4. Todos os contos do livro têm animais como protagonistas, o que nos remete às fábulas de Esopo e de La Fontaine. Existe, porém, uma diferença fundamental: enquanto as fábulas apresentam um conteúdo moral, as histórias do livro não têm essa preocupação; são histórias de esperteza, engano e malandragem, nas quais as personagens se esforçam para “passar a perna” umas nas outras. Leia algumas fábulas com os alunos e, logo depois, desafie-os a, em grupos, tentar imaginar qual poderia ser a moral dos contos do livro que leram. Provavelmente, a moral desses contos será bem pouco ortodoxa...

5. Os dois poemas “No sítio do Zé Valente” caracterizam um lugar bastante curioso, onde tudo é “de traz para frente” e “o impossível é verdade”. Proponha que os alunos, em duplas, escrevam uma nova estrofe para o poema, descrevendo o que mais eles imaginam que poderiam encontrar no sítio. Verifique se eles conseguem respeitar a estrutura das estrofes do poema original, com quatro versos e rimas alternadas.

6. O texto “Quadrilha da sujeira”, como o próprio autor indica no subtítulo, é inspirado no poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade. Leia o poema de Drummond com os alunos e, então, estimule-os a traçar comparações entre os textos, investigando semelhanças e diferenças.

7. A exemplo do que o autor fez com “O cravo brigou com a rosa” e “Atirei o pau no gato”, proponha que seus alunos, em pequenos grupos, criem um novo final para uma canção tradicional que conheçam, como “Boi da cara preta”, “Se essa rua fosse minha” ou “Terezinha de Jesus”, por exemplo. O importante é que as novas estrofes criadas caibam na melodia, para que seja possível cantar.

8. Para compreender como se lida com uma receita, nada melhor do que pôr a mão na massa. Organize os alunos em grupos, cada um ficando responsável por uma das receitas do livro, e combine um dia para um lanche comunitário, em que todos vão poder saborear os deliciosos pratos. Peça que se organizem para preparar seus pratos na casa de uma das crianças do grupo em um dia que um adulto possa ajudá-los naquilo que precisarem.



LEIA MAIS...

1. DO MESMO AUTOR

- *Meu livro do folclore* — São Paulo, Ática
- *Armazém do folclore* — São Paulo, Ática
- *No meio da noite escura tem um pé de maravilha* — São Paulo, Ática
- *Contos de bichos do mato* — São Paulo, Ática
- *Histórias de Bobos, Bocós, Burraldos e Paspalhões* — Porto Alegre, Projeto

2. SOBRE O MESMO GÊNERO

- *Enrosca ou desenrosca?* — Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, São Paulo, Moderna
- *Salada, saladinha* — Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, São Paulo, Moderna
- *Diga um verso bem bonito!* — Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, São Paulo, Moderna
- *Sete histórias para sacudir o esqueleto* — Angela-Lago, São Paulo, Cia. das Letrinhas
- *João Felizardo* — Angela-Lago, São Paulo, Cosac & Naify